

As dúvidas dos credores

21 NOV 1989

por Celso Pinto
de Londres

GAZETA MERCANTIL

A primeira reação do mercado secundário da dívida externa à definição do representante do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, como o segundo candidato à presidência do Brasil foi suave. O papel brasileiro, que havia subido bastante na sexta-feira, manteve os preços.

Vários banqueiros consultados por este jornal, contudo, consideram a calma aparente e temporária. "A evolução do quadro eleitoral brasileiro é bastante perigosa para os bancos estrangeiros", disse um qualificado executivo de um dos bancos mais ativos no mercado secundário. "Olhando os resultados, fica claro que a esquerda pode vencer no segundo turno", completou.

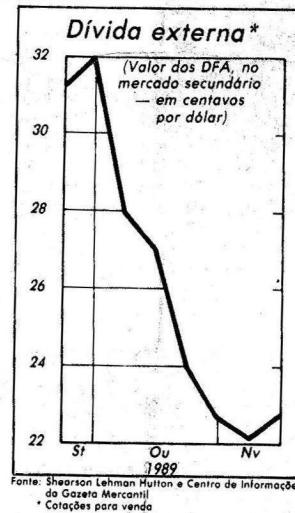
Quatro diferentes fontes concordaram em que a flutuação do mercado secundário nos últimos dias não esteve ligada diretamente à apuração das urnas no Brasil. Os papéis, em ge-

ral, vinham caindo nas últimas semanas e atingiram o fundo do "vale" na segunda-feira da semana passada. Naquele dia, era possível encontrar vendedores de papéis brasileiros a 19,5 centavos por dólar, ou seja, com um deságio recorde de 80,5%.

Desde então, os preços em geral reagiram. México e Venezuela, por exemplo, ganharam três pontos percentuais apenas na sexta-feira passada. No caso do Brasil, na sexta-feira, havia vendedores a 23 centavos por dólar (deságio de 77%).

No movimento de baixa, a queda brasileira foi maior do que a de outros países, refletindo um grau a mais de incerteza política e a possibilidade de se ter um candidato de esquerda disputando o segundo turno. A recuperação acompanhou o movimento geral, mas um banqueiro acha que pode ser de curto fôlego.

Muitos no mercado consideram 20 centavos por dólar um "preço de resistên-



mo não agindo de forma tão impulsiva, certamente as decisões de investimentos, que estão sendo adiadas até a definição do próximo presidente, seriam em muitos casos negativas", diz ele.

Collor desperta mais confiança, apesar das dúvidas que cercam suas idéias. "O que quer dizer o fato de Collor ser de centro-direita?", pergunta um banqueiro, para ele mesmo responder: "É apenas

(Continua na página 22)

A compra de títulos da dívida externa brasileira por parte de algumas estatais contribuiu para elevar a cotação desses papéis no mercado secundário norte-americano. Mas os operadores observaram que a ida para o segundo turno das eleições presidenciais do candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, e a limpeza de portfólios feita pelos bancos podem voltar a derubar as cotações.

(Ver página 22)

cia" do papel brasileiro, a partir do qual surgem compradores, convencidos de que é improvável uma queda ainda maior. De fato, havia compradores do papel brasileiro no final da semana passada, o que ajudou a elevar as cotações.

Ao mesmo tempo, contudo, existe a apreensão em relação aos resultados do segundo turno, o que deve determinar um tom de cautela para as próximas semanas.

O principal receio, obviamente, é uma vitória de Lula. Nenhum banco supõe uma imediata retomada de pagamentos externos pelo Brasil. Mas, com Lula, esta perspectiva fica ainda mais remota.

"As empresas multinacionais não fechariam imediatamente as portas no Brasil, no caso de uma vitória de Lula", argumenta um banqueiro. "Mas, mes-

As dúvidas dos credores

por Celso Pinto

de Londres

(Continuação da 1ª página)

um rótulo". Uma fonte de outro banco, contudo, lembra que Collor "pelo menos reconhece que o Brasil tem obrigações para cumprir no exterior, algo que Lula não faz".

A promessa de Collor de retirar o aval da União à dívida externa e deixar que cada credor do setor público se acerte com seu banco credor não é levada muito a sério. "Muitos bancos só colocaram o dinheiro em certos empréstimos porque eles tinham a garantia federal", lembra uma fonte. "Do ponto de vista legal ou moral a idéia não se sustenta."

No fundo, alguns torcem para que Collor, mesmo sem ter definido muito claramente o que quer, acabe se tornando um segundo Menem — o presidente argentino que, depois da posse, colocou em prática uma política neoliberal ausente de seus discursos de campanha. E as chances de Lula revelar uma faceta social-democrata moderada? "Muito difícil", diz um banqueiro.

A mais longo prazo, as incertezas políticas brasileiras podem, na opinião de alguns banqueiros, afastar ainda mais o País do centro das atenções dos investidores internacionais. A recente democratização dos países do Leste Eu-

ropeu abriu o que muitos prevêem seja um novo e produtivo campo para investimentos.

Muitos dos países do Leste têm uma base econômica forte — a Alemanha Oriental é a décima economia do mundo, lembra um banqueiro, todos eles têm um grau de educação alto, muitos dispõem de mão-de-obra qualificada e, em todos eles, ela é extremamente barata se comparada à dos países ocidentais ricos. Além disso, existem laços culturais, históricos e geopolíticos que empurram especialmente os países da Europa Ocidental em direção preferencial aos países do Leste Europeu.

A perspectiva de uma liberalização política e econômica, e de uma ajuda ecopônica provavelmente substancial a estes países, torna a perspectiva de investimentos muito interessante. Persistem alguns obstáculos sérios, como lembra uma fonte: a não conversibilidade das moedas, a falta de dados econômicos confiáveis (ou de dados econômicos de qualquer espécie, em alguns casos) e a torturante burocracia.

De todo modo, enquanto a perspectiva futura para estes países parece atraente, no caso de muitos países latino-americanos, ao contrário, existe uma incerteza crescente, argumentam alguns banqueiros. A eleição brasileira, neste sentido, é uma definição muito importante.